



O OUTRO EM VERGÍLIO FERREIRA

Helder Godinho

Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário

83

Num texto do Espólio de Vergílio Ferreira, publicado por Ana Isabel Turíbio no nº 1000 do *JL*, vemos a carta que, em *Apelo da Noite*, Rute escreve a Adriano sobre as razões do seu suicídio, numa versão mais ampla e completa que a que acabou por ser incluída no romance publicado. Aí, Rute explica que se vai suicidar por não ser uma presença plena, mas ter os outros em si a criá-la de vários modos.

Foi terrível saber que não era Deus, saber que o meu sangue e a minha carne e o meu riso tinham sido feitos por outrem. (...)... O Luciano e o Romão, friamente assassinos, provaram-me por a+b que quem cria e recria o artista são os *outros*. Foi terrível saber que os meus versos, as minhas ideias, os meus gestos tinha, o *outro* por pai e que eu, que podia ser um *outro* para os *outros* não o podia ser para mim.

Ou seja, Rute suicida-se para acabar com os outros nela, perdida a ilusão de ser uma personagem plena.

A questão das personagens não-plenas ou compósitas aparece ao longo de toda a obra de Vergílio Ferreira de maneiras diversas, a começar pelo seu primeiro romance, *O Caminho Fica Longe*¹. Aí, como explico no estudo que a essa questão dediquei², a incompletude da personagem que conduz a acção, Rui, vai ao ponto de se fazer substituir junto da namorada por um outro que representa um ideal do seu eu, um «Tarzan» atlético, levando-a a ter que namorar dois para o amar: «Que, de resto, se você reparou bem, Amélia só teve *um* namoro. O segundo incluiu-se no primeiro.» (p. 184). Também, como personagem feminina *amável*, ela está distribuída por outra, Luísa, que morre, tal como Amélia morrerá, suicidando-se. Rui fica, assim, só, assumindo uma ligação afectiva com os pobres, dentro do pendor neo-realista que o romance foi tomando. Trabalha como médico, dedicando-se a um outro maximamente plural (os pobres), depois do falhanço de uma ligação com uma mulher que lhe fixaria a identidade. Porque o seu problema, como o de Rute, era a dispersão pelos outros: «E Rui tinha pena de se ver assim repartido por toda a gente, com um bocado de si em cada canto.» (p. 271).

Em *Vagão J*³, o problema da identidade de si e do outro para o reconhecimento amoroso, aparece ligado, pela primeira vez, ao *saber*, o que passará a ser uma constante, até teórica, ao longo de toda a obra de Vergílio Ferreira, quer romanesca quer ensaística. Por exemplo: «Porque o amor aparece como a verdade, e com ela se gasta, se destrói.» (*Estrela Polar*, p. 43); ou: «A verdade é amor - escrevi um dia.» (*Pensar*, p. 12). Os pobres têm dificuldade em amar porque também não sabem interpretar a vida, sentem apenas ódio, como Manuel Borralho, contra uma

¹ FERREIRA, Vergílio - *O Caminho Fica Longe*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1943.

² Ver GODINHO, Helder - «O amor da personagem fracturada em *O Caminho Fica Longe* de Vergílio Ferreira». In DE MARCHIS, Giorgio - *Criação e Crítica. Homenagem de 8 poetas e 8 ensaístas a Giulia Lanciani*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 85-93.

³ FERREIRA, Vergílio - *Vagão J*. Coimbra: Coimbra Editora, 1946.



ordem estabelecida que os esmaga. Por isso, «a gente da baixa não conhece palavras ternas e doces» (p. 29) e viver era subir e esmagar os outros, mas «Manuel Borrvalho não sabe pensar em nada disto.» (p. 37). E, quando Manuel está preso, a mãe, Joaquina, «está ali para dizer qualquer coisa ao filho que vai para a cadeia, mas não sabe o que dizer» (p. 39-40). Também um desconhecido, que comenta diante de Joaquina, que não entende, a prepotência do secretário da Câmara que se arma em juiz, diz: «Vocês hão-de ser eternamente uns trouxas.» (p. 45), do mesmo modo que «O professor dizia coisas que se não entendiam: / - A miséria. Desequilíbrio social...» (p. 66). Porque «pobre é pobre em tudo, só alcança o que está diante do nariz.» (p. 190). Esta incapacidade de dar sentido às coisas estende-se à dificuldade de manifestar afecto, como vimos, e à incapacidade de entender os sentimentos: «E quando lá bem do fundo, lá bem do fundo do tempo, Maria se levantou, ele pôde saciar a sua fome de amor, de amor ou lá o que era que nunca soube dizer.» (p. 232). Ou seja, a relação com o outro implica a significação do outro no texto da vida e não entender a vida dificulta a relação com o outro e com os próprios sentimentos.

Por isso, em *Mudança*⁴, a relação de Carlos e Berta altera-se quando se alteram as personagens sociais que um e outro representavam: com a crise, Carlos perdeu a sua condição e a significação social de si a essa condição ligada, enquanto que Berta começa a ganhar força, chegando mesmo o pai dela a comprar a casa que fora do velho Bruno, invertendo-se assim os papéis e as personagens a esses papéis sociais ligadas. Começa, então, para Carlos uma questionação identitária dificultada pela consciência de que tudo muda. Precisa de encontrar um valor estável para se reconhecer de novo, o que a consciência da mudança perpétua não lhe permite, não sendo capaz de ler absoluto no relativo, como o irmão lhe aconselha. A relação com Berta acaba por se destruir, destruídas as identidades em que ambos se amaram. É bem claro que a relação com o outro depende das personagens que ambos representam em contextos significativos determinados, o que a quase-parábola da mulher que Carlos vai defender como advogado por ter morto o marido mostra. Com efeito, o marido volta de África pouco tendo envelhecido, não acompanhando o envelhecimento da mulher:

Disse-me [a Carlos]: matei-o, porque ele não era o mesmo. (...)

- Ela não sabe explicar-se. Mas eu entendo-a. Quando se separaram, ambos eram novos. Ele usava certas palavras, certos gestos. Ela envelheceu, a vida mudou-a. Nos quinze anos, a mulher foi transformando a imagem do homem. De maneira que, ao vê-lo igual ao antigo, ela sentia-o à sua margem e julgava-o realmente um outro. Mas a lei dizia-lhe que aquele é que era o marido. Tinham filhos. E, para a lembrança dos filhos, aquele é que era também o pai. Mas na realidade o pai não era aquele. A mulher amava o homem que havia de vir e não veio. Tinha um pai para os filhos e impunham-lhe outro pai, mesmo os filhos. Então ela matou-o. Foi assim.

- Não era razão.

- A mulher não sabe nada se não era razão. Sabe apenas que não gostou. E matou-o. Forçavam-na a casar com outro homem, matou-o. A mulher perguntou-me: que ia ser de mim daqui em diante? Penso que ela queria dizer: como vou casar-me cada dia com um homem que não muda, que me fica em cada dia mais longe, e diferente por isso mesmo? E matou-o.» (p. 189-190).

Quase-parábola que funciona também como espelho para a compreensão da sugestão de envenenamento de Carlos por Berta, no fim do romance: eles não são os mesmos, neste caso Carlos não é o mesmo para Berta, porque aquilo que o

⁴ FERREIRA, Vergílio - *Mudança*. Lisboa: Portugalia, s.d. (1949).



outro é, onde uma relação se funda, depende da personagem que cada um representou num contexto significativo e que Carlos e Berta não souberam recriar no novo contexto para onde a crise os atirou.

85

Com *Estrela Polar*⁵ encontramos, com as gémeas Aida e Alda, um caso-limite do Outro fracturado, com a indicação de que isso se deve a que os outros amados são apenas hipóstases de uma Presença ausente que se procura através dos corpos humanos sucessivamente amados. Por isso, Aida chora quando Adalberto a chama para a distância: «...Aida clama, eu arrasto-a sempre, e só paro lá no alto. (...) largo um berro medonho para o horizonte: / -Ai...i...da...a! (...) Aida (...) chora em silêncio.» (p. 85-86). Ela sabe que o que ele procura não é ela, por isso lhe dissera anteriormente: «Tu casas quando me "encontrares."» (p. 49). A implícita referência ao eu metafísico de Aida não apaga a também implícita referência à Presença que Aida hipostasia ocasionalmente. Conhecer o Outro amado equivale a conhecer a Presença para além dele, um dos aspectos do terceiro diante de quem se unem. Conhecer o Outro, em geral, equivale a conhecer o que Vergílio Ferreira chama o eu metafísico do outro, a parte de si verdadeiramente definidora da sua identidade, o que faz que a arquipersonagem (neste caso Alberto) se descubra em *Aparição*⁶ como um *outro* que lhe aparece no espelho e que é ele próprio, numa visão de duração infinitesimal da sua identidade. Por isso, em *Estrela Polar*, depois do serão em casa de Aida, a arquipersonagem (neste caso Adalberto) se interroga: «Que se disse ao serão? *Quem* estava lá? *Quem* eram?» (p. 76).

Em *Aparição*, a procura de si passa por encontrar um outro dentro de si, verdadeira face definidora da *coisa em si* que ele é. Em *Estrela Polar*, a procura do Outro passa por um terceiro *diante de quem* os dois humanos se definem («quem *sabia* do nosso excesso, *perante quem éramos s dois?* (...) Ser, pois, com alguém é sê-lo perante outro e outro e outro, até a um limite que resista.» (p. 272), dado que o Outro verdadeiramente procurado é a Presença ausente, entidade mítica a que o Imaginário, do conto do mesmo nome⁷, se refere quando aconselha o seu aprendiz a procurar uma coisa que perdeu há muito tempo. Também *Alegria Breve* se refere a essa coisa perdida: «Que é que me dói? Qualquer coisa perdi há muito tempo e já me não lembra. Devia ser muito bela. Tão bela que nunca a soube.» (p.227). A dimensão cósmica da Presença aproxima-a do que outrora Deus representara, como espírito invisível para lá do visível e doador de sentido às relações humanas. Daí a epígrafe de Pierre Emmanuel que aparece em *Estrela Polar*, a partir da segunda edição: «Toda a relação erótica é uma relação a três em que o absoluto é um dos *partenaires*.» E em *Pensar*⁸: «Se não tivesse existido Eva, Adão não poderia pensar 'eu' nem que estava 'sozinho'. Mas a relação 'eu/outro' precisa de alguém que lhes ateste essa relação. Por isso Deus teve também aí a sua funcionalidade. Só que a verdadeira testemunha é o inominável que está para lá dele, que tem um nome. Procura-a aí.» (nº 676).

Portanto, o Outro que desdobre o outro que permite pensar «eu» está para além dos outros visíveis, como a necessidade de uma Presença invisível mas sentida para além das mulheres amadas e que obriga a uma procura eterna sobre o *desgaste* que necessariamente os corpos terrestres vão sofrendo por não serem plenos de significação para a arquipersonagem.

⁵ FERREIRA, Vergílio - *Estrela Polar*. Lisboa: Portugal, s.d. (1962).

⁶ FERREIRA, Vergílio - *Aparição*. Lisboa: Portugal. s.d. (1959).

⁷ FERREIRA, Vergílio - *Contos*. Lisboa: Arcádia, 1976.

⁸ FERREIRA, Vergílio - *Pensar*. Lisboa: Bertrand, 1992.



Em *Alegria Breve*⁹, encontramos alguns aspectos interessantes sobre a questão do Outro, nomeadamente o curioso triângulo entre Jaime, Luís Barreto e Vanda. Aparece-nos a personagem masculina fracturada em torno de Vanda, assumindo essa situação um matiz de dupla paternidade (a criança será filha de Jaime mas, legalmente, de Barreto, o marido de Vanda), dupla paternidade reforçada pela sugestão de presépio em que Luís Barreto é S. José. A importância dessa questão tem a ver não só com a questão do Outro e do Próprio fracturado mas também com a dimensão divina do filho que Jaime quer que inaugure um mundo novo, dado que Jaime é, ainda, fruto do mundo velho¹⁰. Mas esse triângulo tem, também, a ver com outras questões interessantes. Com efeito, o velho marido de Vanda observa ambos durante o coito, o que não deixa de nos lembrar o outro-diante-de-quem de que, em *Estrela Polar*, Adalberto e Aida/Alda precisam para a sua relação e que, na epígrafe de P. Emmanuel é o absoluto e, na citação de *Pensar*, atrás referida, é o inominável que, em *Alegria Breve*, é «oblíqua presença de nada»: «Mas ao fim de todas as mortes, nos limites do silêncio, há um fantasma sem nome, oblíqua presença de nada. Se eu pudesse dar-te um nome – a ti quê? quem? só assim te mataria talvez.» (p. 126). É a magna questão da Presença ausente que domina toda a obra de Vergílio Ferreira e que no seu livro póstumo *Escrever*¹¹ aparece ainda várias vezes, como por exemplo:

Se tu viesses. Porque tudo está preparado para a tua vinda. Os caminhos transbordam de flores silvestres, o sol ilumina-se como um lume novo. Virás decerto na aragem leve, fluida de ausência, a face triste. Ou talvez sorrias no teu alheamento como uma memória que passou, trarás talvez no rosto o sinal de uma sagração com que os deuses te ungiram na eternidade. E haverá no ondeado do teu corpo o olhar com que te espero. Não tenho pressa, o que é grande e inimaginável leva milénios a acontecer. Eu estarei sentado à tua espera porque é impossível que não venhas quando a Terra inteira se preparou para que passasses. Se tu viesses. Tu quem? (nº 94)

Essa Presença ausente oscila, sobretudo, entre a mulher idealizada, remetida para uma presença cósmica (*Estrela Polar*, por exemplo) e a divindade/inominável. A união graças a um terceiro que seja absoluto oscila, assim, entre o olhar divino e a Presença invisível, de que as mulheres amadas são hipóstases que se desgastam mas é por, temporariamente embora, a representarem, que o amor é possível. A relação, amorosa, neste caso, não é directamente com os outros, mas passa pela intermediação do Outro (Presença ou divindade) que nos outros amados se manifesta e que é quem é verdadeiramente procurado. É interessante notar que, em *Na Tua Face*¹², a ligação com Ângela é através de Bárbara, a Presença que se ausentou e de que Ângela é metonímia: «Bárbara desaparecera no mar de gente. Mas ia agora ali ao pé de mim, digamos como auréola de Ângela, rasto do seu ser, sinal da sua presença nela, qualquer coisa assim.» (p. 13). Do mesmo modo que, em *Escrever*, se diz que: «E dois homens que conversem é com o indizível que se entendem.» (nº 44). Qualquer comunicação implica um terceiro-diante-de-quem, como pretendia *Estrela Polar*, ou uma Presença ou palavra ausente que dá sentido ao amor ou ao discurso.

⁹ FERREIRA, Vergílio - *Alegria Breve*. Lisboa: Portugal, 1965.

¹⁰ Ver, a propósito da interessante questão da dupla paternidade, GODINHO, Helder - «A Dupla Natureza em alguns Contos tradicionais». In *Memórias, Gestos, Palavras. Textos oferecidos a Teresa Rita Lopes*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010, p. 265-276.

¹¹ FERREIRA, Vergílio - *Escrever*. Lisboa: Bertrand, 2001 (edição de Helder Godinho).

¹² FERREIRA, Vergílio - *Na Tua Face*. Lisboa: Bertrand, 1993.



Um Outro, incluindo um Outro do outro, é sempre necessário para a relação com o *sentido*. Por isso é que Adalberto de *Estrela Polar* precisava de alguém-diante-de-quem para que a sua relação com Aida/Alda fosse possível porque o sentido dela estava no facto de Aida/Alda serem hipóstases de uma Presença ausente, que é o Outro que dá sentido à relação. Por isso, é que o amor e a verdade são a mesma coisa. E, por isso, é necessário procurar a palavra essencial: «Quais são as tuas palavras essenciais? (...) A que é impronunciável por ser demais o dizê-la na exterioridade do dizê-la. (...) A que é a identidade de ti quando a morte já tiver vindo quando a quisesses saber. Qual a tua palavra essencial que o próprio Deus desconhece?» (*Escrever*, nº 39).

Por isso, a mãe do narrador de *Para Sempre*¹³ perde o bom uso das palavras ao perder o amor, porque enlouquece. É a problemática de *Vagão J* da dificuldade de amar dos pobres por não entenderem o sentido das coisas que regressa, agora na falta de amor que destrói o bom uso das palavras com que se nomeia o mundo. Também o novo mundo, anunciado em *Alegria Breve*, deverá ter uma nova linguagem que, no entanto, não será a linguagem do filho que Jaime esperava, como está dito em *Nítido Nulo*¹⁴, dado que esse filho não se interessa pelos problemas existenciais. Mas essa nova palavra é necessária, como o diz *Invocação ao meu corpo*¹⁵: «Uma nova idade se erga (...). Ignoro a palavra que vai nascer, ignoro os gestos do novo homem, as formas do seu reencontro com a Terra.» (p. 17). Essa palavra que fala de um mundo e de uma verdade distante, assim como de uma Face distante, fala desse mundo de *sentido*, com o qual falamos quando falamos com os outros e que é o Outro do outro, assim como do próprio, mas que necessita dos outros para se revelar através deles (como a Presença ausente necessitava de Aida/Alda para se manifestar através dessas suas hipóstases) e necessita da Palavra essencial para se revelar através das palavras. Porque a verdade, ao ser a outra face do amor, e ao ser expressa por palavras, torna as palavras um Outro através do qual procuramos o sentido, a face amável e nós próprios.

*Até ao Fim*¹⁶ liga estes vários aspectos na Clara que sabe a palavra que afasta os mortos: o outro amável que ela é necessita de usar a palavra que afasta o passado e permite o presente, tornando possível viver um presente solar, não engolido pelo passado, onde o sentido *se presentifica*, o que torna a palavra de Clara parente da palavra essencial que aparecerá quando nascer o mundo novo e o novo homem. De algum modo, e na obra de Vergílio Ferreira é caso único, *Até ao Fim*, ao encontrar um presente puro de passado e com *sentido*, realiza, na banalidade do quotidiano, esse mundo novo, o que mais nenhum romance repetirá. Nele, a personagem desiste de procurar Oriana e o mundo distante que ela representa para se entregar em totalidade a Clara, a mulher real e quotidiana que consegue o milagre de concentrar a vida no quotidiano vivido, quotidiano que deixa de estar ausente de si mesmo na procura infundável de uma ausência que Oriana significava, tornando-se assim lugar de encontro do *sentido*. Clara é, assim, o outro amado que fixa a identidade da personagem masculina, identidade e sentido que passam obrigatoriamente pelo outro que ela é. Esta necessidade era já anunciada no

¹³ FERREIRA, Vergílio - *Para Sempre*. Lisboa: Bertrand, 1983.

¹⁴ FERREIRA, Vergílio - *Nítido Nulo*. Lisboa: Portugal, 1971.

¹⁵ FERREIRA, Vergílio - *Invocação ao meu Corpo*. Lisboa: Portugal, 1969.

¹⁶ FERREIRA, Vergílio - *Até ao fim*. Lisboa: Bertrand, 1987.



primeiro romance na Joana que havia de fixar a identidade de Rui, fazendo com que deixasse de andar disperso pelos outros.

E é ainda a necessidade do outro para que o próprio exista, que é dita logo no início de *Até ao Fim* com a concepção de Deus da mãe do narrador: «A ideia dela era simples. Se não houvesse homens, Deus era um taradinho a brincar com o mundo sem ninguém. E isso não podia ser, porque Deus não pode ser um idiota. Ora o homem nasceu por acaso, podia portanto não nascer. E deus ficou assim idiota à mesma. Logo, não existe.» (p. 20).

Com tudo isto, reencontramos a «impureza» do próprio, no qual o outro está *inscrito*, próprio que não pode existir sem o outro, razão do suicídio de Rute, na carta com que iniciámos este estudo. Condição que, em grande parte da obra de Vergílio Ferreira, resulta da perda do mundo original, passado onde a palavra fundamental existiu, assim como a Presença, agora ausente, mas presente na sua invisibilidade: «Etéreo fluido de uma *inquietante presença*,¹⁷ como a aura desta noite total.» (*Invocação ao Meu Corpo*¹⁸, p. 23) E que necessita da palavra certa para ser ressuscitada, assim como o mundo original, onde a separação com os outros também não existia: «Porque onde a palavra certa que nos ligue um ao outro? Ora essa palavra existiu, um dia, outrora, não bem como palavra certa (porque o certo pressupõe o errado) mas como a transparência absoluta de um puro olhar aberto.» (*ibid*, p. 28). E é o momento em que a «impureza» do próprio, de que se queixava Rute, deixa de existir porque o próprio, o outro e o universo se fundem, como o diz, belissimamente, *Em Nome da Terra*¹⁹: «E vão sendo horas enfim de descermos ao rio. Amanhã talvez? Hoje. Um dia. Estará uma noite quente, caminharemos de mãos dadas. O anjo não virá, que teria lá que fazer? vamos sós. Não terei medo da tua presença com toda a sua força de me fazer ajoelhar. Olharei o teu corpo na sua transparência incorruptível. Sofrerei em mim a descarga do universo e não gritarei o teu nome. Porque estará em mim e eu hei-de sabê-lo. (...) E olharemos o céu limpo e sem estrelas. E acharemos perfeitamente natural, porque a iluminação estará em nós.» (p. 294-295).

Ou seja: o outro, enquanto mediação para o sentido, o amor e a identidade, funde-se com o próprio, quando a presença ausente e o sentido ausente são encontrados, no fim do processo de narrativização da mulher morta, que lhe deu, o estatuto de Presença. Essa é a procura da narrativização da vida perseguida em toda a obra de Vergílio Ferreira.

¹⁷ Meu sublinhado.

¹⁸ FERREIRA, Vergílio - *Invocação ao meu Corpo*. Lisboa: Portugal, 1969.

¹⁹ FERREIRA, Vergílio - *Em Nome da Terra*. Lisboa: Bertrand, 1990.